

SAGA DOS SERTÕES DE MOMBAÇA

(A Poesia Dentro da História e da Geografia Sentimental)

F. ALVES DE ANDRADE

Aos desbravadores dos Sertões de Mombaça
e pioneiros do desenvolvimento rural, cujo
sonho lateja ainda na memória dos que
amam sempre a terra do berço onde
nascemos.

Dedica o Autor.

*Serranias de Sudoeste
caminhando para Nordeste,
braços perdidos da Ibiapaba,
do Luna ao Calogf,
Serra de Santa Rita,
Chapadas do Quixelô,
Tabuleiros de Quixeramobim
e dos Inhamuns,
bordos dos seios encurvados
das entranhas férteis da terra nua,
beijada pelos vales úmidos
dos Sertões de Mombaça!*

*E o Banabuiú, descendo das nascentes,
bebendo na trama dos riachos,
rasgando com os afluentes torrenciais
o peito cristalino antigo!*

*O deflúvio das águas,
depositando no leito das ravinas
os solos descarnados,
erodidos! . . .*

*Gargantas e boqueirões,
vencos de serros partidos
que o sertanejo barra
para reter o saldo líquido
na terra seca,
formando açudes!*

*Outrora,
estes músculos emagrecidos
eram potentes. . .*

*Foram densamente cobertos
do manto verde,
viçosos os seios
da virgem terra
para o germinar das sementes
e dos pastos sortidos.*

*Cresciam mais fortes os rebanhos.
O ventre de nossa irmã e mãe Terra
atraiu ao conúbio
os sertões de dentro
e os sertões de fora,
desde Paraíba e Pernambuco
aos barrancos do Rio São Francisco.*

*Vinham chegando
e iam ocupando...*

*Mediam a terra
com as patas dos seus cavalos,
abriam caminhos
com os rastros dos seus armentos.*

*Ocuparam a ribeira do rio
que o índio nu chamou
Brejo das Borboletas,
outros chamaram de Rinaré,
e tornou-se Rio da Palha
de Santos Vilhena.*

*Vinham chegando
e logo povoando...*

*O áspero capitão João de Barros Braga,
a legendária Maria Pereira da Silva
e o português Serafim Dias
ganharam esta sesmaria
em 1706,
com apenas tinta e papel,
terra que deveriam garantir
com suor e sangue
e outros deveriam cultivar
com suor e lágrimas...*

*Quando o rico português morreu
acompanhou o seu corpo até o rio
uma gata de estimação.*

*O rio estava cheio
o morto carregado nos ombros*

*de índios e de escravos .
E a gata ficou-se num rochedo,
a mirar as águas rolantes,
solitária, a chorar,
até que uma piaba,
saltando do rio,
apanhada no dente,
fez-se o seu primeiro repasto .*

*O tempo passou,
a gata emagreceu,
piaba não veio,
pesca não se viu,
até que a gata morreu,
triste, na cegueira de esperar . . .*

*Os que ali lutaram,
os que lidam ainda
por intento e teimosias,
dizem que têm a cegueira
da gata de Serafim Dias .*

* * *

*Meia légua de terras,
trinta vacas e um touro,
cem braços e cem palmos
à margem do Banabuiú
foram o doado patrimônio
com que Dom Tomás da Encarnação,
bispo de Pernambuco,
concedeu que se erigisse
a capela de Nossa Senhora da Glória,
nossa padroeira,*

*nossa benfeitora,
nossa advogada.*

*Antônio Lemos de Almeida,
Eugênia Gonçalves de Carvalho,
Teresa de Sousa
vocês sabiam
que doando um chão e fazenda,
estavam plantando civilização?*

*E veio Pedro Barbalho
e o outro Pedro da Cunha Lima,
Antônio Ferreira Marques,
Rodrigo Francisco Vieira
e o Jerônimo da Costa Leite.*

*O tronco ancestral cresceu mais
com Cosme Rabelo Vieira,
os de Rafael Pereira Soares do Coquidê,
os de José Góis e Melo
os de Fontes Braga, do Aracati,
e, finalmente, entrosando-se na cadeia,
do velho Clã, Anacleto Martins Chaves
dos Inhamuns.*

*Amarram-se com as bênçãos da Igreja,
ou à sombra das Ingazeiras,
os do sertão de dentro
e os do sertão de fora,
caldeando sangue de guerreiro índio
com sangue de guerreiro branco,
mui raramente pingados do sal
da costa de Quênia e de Melinde,
pois, se de lá veio o nome da Ribeira,
algum resíduo ficou do périplo africano.*

*Gente da Casa Forte da Caiçara,
vocês guardaram o nome de Rodrigo,
casado com Quitéria,
da família dos Montes?*

*O comandante Augusto Francisco Vieira
cresceu aqui na mesma arte do seu parente
Cosme, dono da Jacoca e do Quixeramobim.
Juntou em suas mãos quase todas as fazendas
que depois se partiram em mil pedaços
e hoje só restam o Maxixe
e o São Jerônimo
para lhes contar a estória!..*

*Fazenda Barra Nova,
teus caminhos, campos e alpendres
nos contam a bravura e astúcia
do capitão Honorato da Silva Limoeiro,
prendendo, sozinho, temerosos assassinos.
Ele sozinho valia um batalhão.*

*Vinham chegando
e tomando conta de tudo.*

*Padre para batizar e casar
encomendar e dizer missa,
juiz e escrivão pra fazer justiça.*

*Padre Sarmiento Benevides,
nomeado Vigário da Freguesia
de Nossa Senhora da Glória,
trazendo família letrada
e política da Paraíba,
recomendou a enxertia
do seu Clã no outro Clã.*

*Fazendo eleições dentro da igreja
o presbítero de Nosso Senhor,
Cavaleiro da Ordem de Cristo,
elegeu-se deputado em oito legislaturas
da Assembléa Provincial,
mas, o fazendeiro Antônio Gonçalves de Carvalho,
dos Lemos de Almeida,
com muita devoção,
fazia promessa,
indo ouvir missa,
levando nos ombros,
da sua Fazenda Jardim,
uma grande cruz de aroeira...*

*Em casa, os escravos sofriam...
Exercendo política,
um filho do pagador de promessa
xingava o Vigário,
comandando a oposição.*

— *Quem tem mais poder aqui
que o Juiz de Direito?*

*pergunta o dr. Inocêncio Camargo
numa festança a seus filhos diplomados
e chegados de Olinda.*

— *Tem, seu doutô.*

— *Quem é? insiste o Juiz.*

— *Cacete, disse o João Pedrosa
no meio da multidão.*

*Comarca de Maria Pereira
voltando a termo, com Juiz de Paz:*

— *Coronel Olímpio Vieira,
vossimicê, que é juiz,
me diga quando uma promissória prescreve?*

— *A promissória prescreve,
no dia em que o velhaco assina! . .*

*Tempos idos de aldeia solitária,
murada de rincões patriarcais,
com os seus coronéis
valentes e leais,
sinceros, hierárquicos!*

*Mombaça do coronel Chico Brasil,
sobraçando os velhos troncos da herança!
Do cabra Zé Mariano, saltando
a janela da casa, de rifle na mão
para defender o amo, a rolar pelo chão,
atirando e a gritar bem perto da escolta:*

— *Segura na bala, soldado,
que agora eu vou é no punhal! . .*

*Mombaça de Pedro Martins de Melo,
altivo, mas sem arrogância,
falando forte, solidário,
e à frente de seus parentes unidos,
ditando a um tenente da Polícia
que a família repelia a afronta.
Dobrasse a esquina e deixasse a cidade.*

*Terra de todos nós
e do coronel José Aderaldo de Aquino,
tratando rudeza com elegância,
chefiando cordialmente a política,
e metido em seu croisê,
marcando quadrilhas em francês. . .*

*Com apenas algumas tintas
a mais do ABC, mais parecia
um nobre dos salões da Europa,
perdido nas asperezas dos sertões.*

*Na subversão de Juazeiro,
a sua casa e a do mano Ernesto,
dizem que foram as únicas
que não levantaram
a bandeira vermelha adesista
da revolução.*

*Vilarejo romântico
de Antônio Pedro de Sá Benevides!*

*Vocês não o conheceram,
mas eu vi o tabelião,
vibrando flautas e violões,
tocando missas e ladainhas,
hinos na Escola,
modinhas de calçadas
e modinhas de Igreja,
e fazendo representar
com músicas de sua lavra
o drama de Flor de Abril.*

*Secas de 1877,
de 1915 e 1919!*

*A fome, a sede, a peste,
a debandada dos sertões.*

*A Transamazônica começou aqui.
José Frutuoso voltou rico dos seringais.
Poucos escaparam,*

*muitos foram perdidos
na trama do Inferno Verde...*

*Mestre Senhor,
meu tio Lulu,
minha tia Malim,
onde estão os restos de vocês?*

* * *

*Disse um Padre profeta:
só o céu desanca o Ceará,
não dando chuvas,
negando água.
Os vales do Vicente,
de Santa Bárbara
e do João Alves,
serão tão férteis
quanto o Cariri
se construírem açudes.*

*Queremos também o rio
pinçado nos seus flancos
e mais a estrada de ferro
com as de rodagem,
economia solidária nos sertões.*

*O ramal de Piquet Carneiro a Crateús não veio
mas veio a Estrada do Algodão.
E a energia de Paulo Afonso está aqui.*

*Depressa, amigos,
a terra está ainda viva,*

*os campos estão bolindo
e as fontes ainda não secaram.*

*Alí o Canzuim,
O Canaan e o Guarani.*

*Eu quero ouvir os bois
gateando na Barra Nova.*

*Depressa,
por uma comunidade solidária,
com o humanismo fazendo sinal
em nossas fronteiras:
Política, Amizade, Trabalho!*

*O rio Banabuiú
desce ainda carregando limo
nas águas barrentas para o Mar.*

*No alto do rochedo solitário,
com os músculos emagrecidos,
vai morrendo e registindo
a gata de Serafim Dias,
na velha teimosia de esperar.*

* *
*

*Basta.
Não posso mais.
Eu quero ver a minha terra
com olhos de menino.
Tragam a vaca Chita Fina
e o meu carneiro Jasmim.*

*Hei de ver florido
o meu Riso do Prado.*

*Quero dar o meu peito ao Banabuiú,
descendo nas águas barrentas,
cobertas de troncos e de espumas...*

*Quero ir com ele,
rolando para o Mar,
o grande mar da saudade,
dos serros azulados,
bordando a terra verde
dos campos sem fim!...*

Fortaleza, dezembro de 1975